

CATÁLOGO DE RESENTIMENTOS
Samir Arrage



ALTA BOOKS
GRUPO EDITORIAL
Rio de Janeiro, 2023

AMOSTRA

Para o meu pai.

Para os meus filhos.

(teste para epígrafe)

AMOSTRA

*Minha atividade de escritor tratava de ti, nela eu apenas
me queixava daquilo que não podia me queixar junto ao teu peito.
Era uma despedida de ti, intencionalmente prolongada,
com a peculiaridade de que ela, apesar de imposta por ti,
corria na direção que eu determinava.*

Franz Kafka, em *Carta ao pai*

Não me chama de pai.

Meu pai, no corredor do supermercado

AMOSTRA

PIRULITO
(ou um tipo muito particular de anoitecer)

No carro. Você lembra que deixou o copo cheio em cima da borda da mesa de sinuca revestida com tecido carmim?

A mesa tem esse revestimento bonito e brilhoso, além dos pés e bordas de madeira que a fazem muito imponente, com bossa de objeto caro e chique. Você pensa que o esquecimento pode ser perigoso, pode haver um incidente e o tecido da mesa de sinuca terminar manchado. Haveria reclamação, alguém esbravejaria com você, dizendo que você é desatento, descuidado, que nunca aprende o lugar certo de colocar as coisas, você faz tudo errado. Você reflete por um instante e, bem, nunca fez nada de tão errado assim. Deve ser um exagero, mas você ainda não entendeu direito o que é um exagero, o exagero nas outras pessoas, como elas aparentam gostar disso, dessas coisas que as fazem explodir de dentro para fora.

Você sabe bem quem é que vai encher o seu saco se algum desavisado, se alguém embriagado ou se alguma criança derrubar o tal copo, um líquido turvo e adocicado, que manchará a bonita mesa de sinuca, uma ilha escura irregular destinada ao mofo em dias. É de você que ele vai reclamar com fúria, mesmo que não seja culpa sua, você não está mais na festa e não estapeará aquele copo, é uma desproporção, como sempre acontece e você quase já se acostumou.

Não que o costume facilite o andar da carruagem. Às vezes, apenas piora: há a antecipação da cólera. Esse é o problema com a sua imaginação. Ela te transforma num covarde.

A seu favor, o dono da casa vai dizer que não, não, não foi nada, esqueça, é só secar. Ou talvez o sujeito não consiga disfarçar a irritação e se limite a calar a boca enquanto procura uns guardanapos. Os outros convidados baixarão os olhos, se constrangerão com o esporro que você levará em praça pública, ou vão rir, sim, eles vão se divertir, é isso o que você acha que acontecerá quando voltar para a festa, é isso o que imagina agora, no carro, você é essa mistura de covarde e pessimista, sempre imaginando as coisas mais feias, as coisas mais terríveis, e você as coloca no meio da sua própria vida.

São 17h, mas isso não importa, e você não colocou o cinto de segurança. Não se usava cinto de segurança. E você não usava relógios. O carro andou bastante, você não prestou muita atenção no trajeto ou no tempo, observou árvores e postes pela janela enquanto supunha essas complexas equações envolvendo copos cheio de bebida, mesas de sinuca e a ira dos grandes. Não importa mais.

O carro entra em uma garagem com piso coberto de brita. Só agora você se dá conta de que integra uma pequena carreatá: há um carro na frente e outro carro atrás daquele em que você está. Todos ingressam em um estacionamento, atravessam um portão enferrujado, os carros estacionam em diagonal, um rente ao outro, todos de frente para um muro descascado com a pintura de uma propaganda de cerveja. Você não consegue ler o que diz a propaganda. Você é apenas um semianalfabeto.

— *Vem. Desce.*

A porta do seu lado se abre. Um homem baixo, a barba por fazer, lábios grossos e rosto angulado, cabelo fino e preto, está do lado de fora. Você não entende muito bem o porquê, mas perde tempo até reconhecer esse homem, quando tudo deveria ser espontâneo, um rosto que deveria permanecer muito amistoso sob qualquer hipótese. Este homem é o seu pai.

— *Tá esperando o quê?*

Ele não estende a mão. Não é necessário, na opinião dele. A sua opinião, você ainda não teve tempo de formar. Você e o seu pai caminham em direção a um prédio baixo ao lado do estacionamento, você sente pedrinhas nos seus tênis brancos e limpos — tênis de festa, vocês estavam em uma festa (o copo, a mesa de sinuca, a possibilidade da culpa). Os outros homens da carreata se aproximam, uma gangue na qual você é incluído, quem diria? Você apenas os segue, não fica à vontade, mas não é um esforço assim tão grande, você sequer presta atenção no que pode estar sentindo.

Há um letreiro vermelho muito chamativo sobre uma porta e ele é interessantíssimo: é um nome, você não consegue decifrar, mas o seu brilho intenso é contagiante. É uma palavra-luz. Você não recorda ter visto algo parecido em outro lugar que não em filmes. O letreiro vermelho está acima de uma porta estreita, alguns dos homens já passaram por ela, o seu pai já passou, chegou a sua vez, você olha para cima, a palavra-luz emite um ruído constante de inseto, você logo deixa de ouvir aquele zumbido porque também passa pela porta e agora é uma troca bem drástica de perspectiva, fique atento.

Tudo é escuro. Uma luz fraca funciona em algum canto, é mais noite ali dentro do que deveria ser, e isso confunde. Que horas são? Lembre-se, você não usa relógio. A saleta é pequena e abafada. Há uma cortina de veludo púida em uma das extremidades, ela tem uma cor de vinho que até lembra a mesa de sinuca. Os homens, agora, falam. São os companheiros do seu pai, e não só eles: você ouve vozes estridentes de outras pessoas, não entende sobre o que falam, suas vozes são potentes e roucas, homens que conversam entre si, tudo leva a crer que são homens conversando sobre coisas de homens — vamos supor que você já entende desses termos.

Você e os outros não são impedidos, ninguém notou nada. Vocês desviam da cortina e chegam a um lugar mais amplo, um pouco mais iluminado. Há gente, há mesas redondas, uma confusão de música e lâmpadas que piscam, barras de ferro e escadas com poucos degraus. Uma mulher passa, você a segue com os olhos, é impossível não a seguir, tamanha a estranheza: ela tem as costas arqueadas para trás, as roupas são diminutas, espartilho, salto alto, as nádegas quase totalmente descobertas. A calcinha da mulher, na parte de trás, é só um fio estreito, preto, um pedaço bem fajuto de tecido. As coisas ficam confusas. A música toca mais alto, a bunda que você não esperava ver, as luzes piscantes, homens conversando aos berros.

Agora, há uma voz de comando que reorganiza a sua atenção mesmo que você não queira. Pelo tom da voz, sabe-se que é uma ordem, apesar de não se entender o que é, qual é o idioma falado.

Sabe-se que é um homem e que esse homem fala, tem a habilidade trivial

de se fazer entender e que, de alguma maneira, seja lá qual, ele exerce poder sobre alguém. Sabe-se de tudo isso, você não compreende, porém, o que é dito. É como se você ouvisse uma língua morta, caso você soubesse o que é uma língua morta, um dialeto desconhecido ou um idioma inventado.

É uma televisão. A televisão está pendurada em um suporte na parede, rente ao teto. Na televisão, há o homem dono da voz, é ele, sim, está dentro da TV. Sem camisa, sua barriga é flácida, o peito tem muito cabelo, seu rosto é avermelhado e o bigode é loiro. Ele é o dono da situação. O homem olha para baixo. Há uma mulher ajoelhada.

O pênis do homem está entre as mãos da mulher. O pênis é terrivelmente vermelho e riscado por veias esverdeadas, grotesco, não há nada que se queira ver ali e você continua olhando. A curiosidade é perversa, a sua curiosidade e a sua imaginação vão arruinar você, pode esperar sentado. E você se mantém parado, com foco no aparelho de televisão. E a mulher, de joelhos, com aquilo em uma das mãos.

Abra bem os olhos. É isto o que você está vendo, a ação da mulher é a seguinte: colocar o pênis do homem dentro da boca.

A mulher coloca o pênis, o pinto, o pirulito, o pau monstruoso dentro da própria boca.

Com movimentos precisos, uma repetição ritmada, com a maior parte do pênis constantemente dentro da boca, a mulher aproxima e afasta a cabeça

do corpo do homem, aproxima e afasta, aproxima e afasta. O homem fecha os olhos e joga a cabeça para trás. A mulher não interrompe o seu afazer mecânico por minutos. Quando finalmente para, a mulher olha para cima e sorri. Ela coloca a língua para fora e umedece os próprios lábios, sorrindo para o homem, que a encara com desdém.

Você está imóvel. Você continua virado para a TV, as luzes da tela mancham, em completa desordem, o seu rosto. A ação continua no filme: a mulher se aproxima e se afasta do pênis do homem com a boca aberta. Aproxima e afasta, aproxima e afasta, aproxima e afasta, o homem geme, e ela aproxima e afasta, o homem geme, a mulher geme, o homem geme mais alto, ela aproxima e afasta, aproxima e afasta e aproxima e afasta e você tem seis anos de idade.

Uma música eletrônica faz tremer os alto-falantes, um tipo muito particular de anoitecer se impõe dentro de paredes abafadas com cheiro de fumaça de cigarro, uma mulher coloca o pau de um homem na boca em um aparelho de televisão de tubo que está suspenso a poucos metros de você. E a melhor coisa que você consegue fazer é ter seis anos de idade.

1.

A verdade é que escrever é uma merda, uma merda maior é escrever aqui neste hospital, diante deste piso que reflete os meus tênis e as minhas pernas, me transforma na carta de um baralho deformado e caricato e duplicado com este notebook no colo, um piso frio que me parece muito inapropriado porque parece escorregadio quando deveria ser seguro e apreensível, parece algo tão liso e incontrolável, e tenho vontade de deitar nele e de sentir um pouco do gelado que ele aparenta ter, na verdade, sinto muito calor, isso puxei de ti, esses calorões, entre outras coisas pouco importantes e certamente mais indesejadas, tenho calor e é dezembro, o fim é o começo, é o dia primeiro, e é Porto Alegre e esse é um martírio inescapável, mas sinto calor especialmente porque tenho este notebook no colo e ele me esquenta enquanto escrevo, não ventila, faz barulho, aquece como se estivesse vivo, interruptores e parafusos, e parece orgânica essa calculadora idiota, e a grande verdade é que é difícil escrever e me esquenta tanto porque, para falar bem sinceramente, e acho que tu já sabe, acho que já tem certa consciência do que se passa por aqui, enquanto estou batendo com os dedos no teclado, neste corredor de hospital, a morte, pai, a morte acumula milhas para vir te buscar.

2.

Uma senhora grande e gorda está sentada na minha diagonal, o corredor não é lá tão amplo e nos enxergamos, trocamos um olhar vez ou outra. O que ela espera? Quem? Que notícia a interessa?

Minha companheira usa óculos como eu. Óculos grossos. Sua cara é redonda e o seu corte de cabelo não a favorece, para o meu gosto. O cabelo é curto, liso, amarelo, contorna e ajuda a realçar a anatomia da cara. Ela é bochechuda. Como eu era na infância, lembra como tu enchia o meu saco por causa das bochechas que depois secaram, mas nem tanto, remanescem aqui desagradáveis, na minha opinião, que é a opinião mais importante de todas nesses quesitos, tu me enchia o saco por causa do tamanho da minha cara, do tamanho da minha cabeça, do comprimento do meu queixo, do tamanho do meu nariz, da grossura das minhas sobrancelhas, do formato do meu pau, do tipo do meu cabelo? Lembra, pai? Será que eu fui tão incompetente em deixar claro para ti que todas essas coisas me incomodavam, essas brincadeiras de menino mais velho e mais forte, completamente desproporcionais? desproporcionais? Tu não era um menino, tu era o meu pai. Não te dava conta de nada.

Era o meu pai e pronto, não deveria ser o suplício completo de um recreio dentro da minha casa, do meu quarto, o meu jardim de infância privado e particular e que nunca admitia uma pausa sequer.

Minha amiga está com o queixo encostado no peito, balbucia de vez em quando, não sei se reza, se fala sozinha, se dorme de olhos abertos e fala dormindo. Ela não me nota, apesar de eu parar de escrever a todo instante para olhá-la sem a menor das vergonhas, não que isso seja do meu feitio e tu sabe bem como sou com as pessoas. Ou talvez tu não saiba porque consegue ser tão incompetente quanto eu, a sensibilidade e a sutileza de um aspirador de pó. Tu, repousando após a cirurgia, a mãe foi atrás de um café, está demorando, e eu e essa mulher aqui, só nós estamos aqui a essa hora, alguém passa eventualmente, um enfermeiro, um funcionário, alguém. Ela está usando uma calça jeans muito justa e uma blusa sem mangas, de tricô, inadequado tricô nesse calor de Porto Alegre, amarelo e preto, amarelo e preto, amarelo e preto, nesse listrado assim simétrico que me obriga a pensar em uma abelha-rainha, uma rainha destronada e triste, e que péssima essa minha comparação, e eu acho que já estou ficando com sono.

3.

Com qual camisa ir ao estádio, de que jeito sentar na arquibancada fria do Olímpico, de que jeito e em que canal assistir a um jogo decisivo na televisão, se assistir ou não, se estender uma faixa azul e preta na janela ou não, se ouvir a transmissão do rádio ou não, eu não estava ouvindo e saiu o gol, eu estava piscando e não saiu, eu estava no banheiro e tomamos o gol e agora minha bexiga pode explodir mas o Grêmio não vaza mais porque daqui não saio. De que jeito segurar uma garrafa

de água no primeiro ou no segundo tempo, não descruzar as pernas, não trocar de cadeira, não desvirar uma almofada, não desamassar uma bandeira, não abrir uma persiana, deixar o volume da TV no dezesseis e não mexer mais nele, roer unha sempre num sentido específico durante as cobranças de escanteio do time adversário, amarrar ou não um tênis dependendo do placar do jogo, uma série interminável de manias supostamente invisíveis aos olhos dos outros regendo boa parte de uma existência miserável.

O futebol foi só um exemplo. Tenho uma coleção deles aqui. E se escrever é tão difícil para mim, eu me empenho em fazê-lo numa mistura de rancor, de raiva e, sim, por um pouco dessa superstição, claro que esses maneirismos peguei de ti, é só mais uma das tuas ferramentas mantendo os meus mecanismos desajustados até hoje.

É a minha superstição, agora, que me condiciona e me empurra nessa empreitada, que bem ou mal é brincar de Kafka, um Kafka afeado, genérico e desprovido de gênio, que escreve ao pai. Sem o romantismo da pena, só o calor do notebook esquentando as minhas coxas num corredor silencioso de hospital, só as teclas fazendo ruído na calma intocada desta ala, enquanto a abelha-rainha acorda e se levanta e me deixa a sós com o texto, com as possibilidades de começar a escrever tudo o que eu tenho para te dizer, aqui na antessala do teu inferno como um Garcín do Sartre, só que sem ninguém para me acompanhar, e que eu faça isso logo, para ver se funciona, para ver se dá certo, para vencermos o tempo, porque agora já nos ronda o nunca.

4.

O nada, o fim, um epílogo.

Não era tão grave, o médico estava confiante, mas, veja, o tumor cresceu, espalhou um tanto assim, achamos que seria mais fácil, mas não está sendo. E aí fodeu.

Falar de morte, da tua morte, não é mais tão inédito entre nós e entre o resto da família. Me resta escrever e escrever rápido. Com um ódio retroativo, com a vontade de te ver morto, com o medo de não me importar com a tua despedida. A desgraça é que ainda me importo. Me ponho a escrever para que eu mesmo te aniquile antes que tu morra e me deixe de mãos abanando como nas outras oportunidades.

Desta vez, estou num corredor de hospital, sozinho com uns ressentimentos na garganta. Estou escrevendo só para ti, um leitor só, um não-leitor, um leitor virgem, costurado e anestesiado, e eu com essa vontade de que tu viva e de que tu leia essa minha carta, um livro que vou publicar, não em tua homenagem, sem dedicatórias, ou será a maior dedicatória de todas? Um livro-dedicatória para que tu leia, para que tu desvirginize nessas coisas de ler, finalmente, seu burro do caralho.

Vou publicar a minha carta ao pai que nunca abriu a porra de um livro, onde já se viu, um homem com tantas chances na vida, tantos recursos, e nunca ter aberto um romance ou uma novelinha ou o que quer que seja, um livro bom ou um ruim,

com uma história inventada ou verdadeira como a nossa, seja Kafka ou menos, muito menos, o que for, e quando menciono Kafka decerto nem sabe do que estou falando e vai me achar um pedante, que talvez eu seja, só por vomitar na tua cara essas referências até meio óbvias, mas que para ti, um Hermann que nunca leu, não existem.

Eis a versão atualizada de jardim de infância. Ao escrever, eu sou o menino maior que te oprime, que te ameaça e que te zomba, assim é muito fácil para mim, eu, um covarde, um prepotente, enfim te colocando em uma terra que tu desconhece. Bem-vindo.

5.

A minha superstição e a minha vontade dizem para mim:

*você precisa terminar esse livro,
senão esse filho da puta vai morrer.*

Escreva esse livro, senão ele vai morrer. Termine logo antes que o câncer se espalhe e, a um só tempo, sele os ouvidos do teu pai e ate uma mordaça na tua boca. Esses ressentimentos vão ficar te sabotando para todo o sempre. Esse desgraçado vai ter que ler, finalmente ele vai ser obrigado a ler um livro, porque é tu quem escreve, o único filho dele, porque esse livro tratará dele próprio, ainda que ele não saiba disso de imediato, ainda que ele resista, ainda que deixe o texto encostado num canto como todos os outros que passaram pelas mãos dele na vida,

mesmo que ele demore a entender que esse livro é, sim, uma tentativa meio boba de salvar uma carcaça defeituosa, cinzenta e desfalecida em repouso num leito de hospital no exato momento em que o filho escreve, então escreva e salve a ti próprio também, vamos ser sinceros.

6.

Quantas vezes foi assim, pai? Eu, uns brinquedos, sozinho, inventando besteira. Agora, o computador e o que escrevo para ti, e tu no quarto, tu sempre no quarto, trancado, nós sozinhos. O quarto é outro. Não lê nada. Sempre analfabeto das minhas coisas. Talvez eu esteja me equivocando, é tarde, estou cansado, escrevo do jeito que dá, vou terminar aqui, bater esse computador e ir para minha casa, te deixo a cargo da mãe, por hoje chega e acho que chega já faz muito tempo. É confuso te esperar de novo desse lado de fora, feito um guri com medo e com sono, sem acessos a ti, e essa insuficiência, isso de nunca te bastar, de nunca chegar perto das tuas expectativas, e o pior, agora tendo a consciência do que se passa, e tu cego, mudo, iletrado. Não sei, a memória é isso, tão pouca luz, tão pouco a nos mostrar, memória é imaginação, não há tanto assim o que procurar, mas insistimos em puxar do avesso as nossas sombras. Só que sim, penso que sim, imaginando ou seja lá como for, já é hora, pai. Vamos colocar sal nessas aftas.